

O hibridismo da Literatura e do Jornalismo: crônicas de Juremir Machado¹

Larissa Bortoluzzi Rigo²
Luciane Volpato Rodrigues³
Keynayanna Késsia C.Fortaleza⁴

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas que estão atreladas ao gênero crônica, de Juremir Machado da Silva, publicados no jornal *Correio do Povo*. Assim, desenvolvemos esse percurso utilizando as suas relações com o jornalismo, com abordagens do *Newsmaking*, identificando os critérios de noticiabilidade e Hipótese de Agenda Setting. Dessa forma, a seleção de conteúdo foi realizada no período entre setembro e março de 2015, totalizando sete crônicas analisadas. Para isso, adotamos o método de análise de conteúdo da “semana construída”. Em suma, percebemos que a seleção de conteúdo segue a lógica de produção do *Newsmaking*, quando são abordados assuntos de relevância social, mas, sobretudo, constatamos que os critérios de noticiabilidade utilizados para a construção das crônicas se relacionam a temporalidade, isto é, os assuntos são pautados por um agendamento social do contexto em que os textos foram produzidos.

Palavras- Chave: Comunicação, Agenda Setting, Crônica, Newsmaking, Juremir Machado.

ABSTRACT: This work aimed to analyze the narratives that are linked to the chronic genre, by Juremir Machado da Silva, published in the newspaper *Correio do Povo*. Thus, we developed this route using its relations with journalism, with approaches of *Newsmaking*, identifying the criteria of newsworthiness and Agenda Setting Hypothesis. Thus, the selection of content was performed in the period between September and March 2015, totaling seven chronicles analyzed. To do this, we adopted the "week built" content analysis method. In short, we notice that the selection of content follows the production logic of *Newsmaking*, when subjects of social relevance are approached, but above all, we find that the criteria of newsworthiness used for the construction of the chronicles are related to temporality, that is, the subjects are guided by a social scheduling of the context in which the texts were produced.

Keywords: Communication, Agenda Setting, Chronic, Newsmaking, Juremir Machado.

INTRODUÇÃO

A proposta desse estudo consiste em identificar os elementos narrativos da crônica que tecem o hibridismo entre o jornalismo e a literatura, relacionando-os a reconstrução pela realidade social que se pauta o jornalismo com a exploração dos recursos literários que contribuem para a representação dos fatos cotidianos. Assim, nesse contexto, analisamos as crônicas do jornalista Juremir Machado, publicadas no jornal *Correio do Povo*, no período de setembro de 2014 a março de 2015, sendo que em setembro estudamos a crônica que corresponde a primeira segunda-feira até finalizar no primeiro domingo de março de 2015, totalizando sete crônicas – utilizando como base metodológica uma semana construída.

¹As reflexões presentes neste artigo foram relatadas no GT 2 Comunicação, Linguagens e Narrativas do *I Simpósio Internacional de Comunicação*, realizado de 22 a 24 de agosto de 2016. Para esta publicação, o estudo passou por atualizações teóricas e críticas, para evidenciar assim, sua contribuição acadêmica e científica.

²Doutoranda em Comunicação. FAMECOS – PUCRS. E-mail: lary_rigo@yahoo.com.br

³Graduada em Jornalismo. UFSM- campus Frederico Westphalen. E-mail: lucianevr@yahoo.com.br

⁴ Doutoranda em Comunicação na USP. Mestre em Comunicação pela PUCRS. Jornalista e Pedagoga. E-mail: keynayanna@hotmail.com.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

O jornalista, escritor e docente Juremir Machado escreveu sua primeira crônica no jornal *Correio do Povo* em 1º de setembro de 2000 intitulada “*Teoria geral da afetação*”. Ao acompanharmos seu trabalho profissional como colaborador do jornal impresso *Correio do Povo* percebemos o quão esse escritor gaúcho se aproxima da realidade social e busca, a partir disso, construir um discurso com mais sentido e reflexão aos fatos narrados. Dessa forma, o uso dos recursos estéticos da literatura enriquece suas produções, porque, além de recontar o cotidiano, o escritor recria a realidade, o que oferece mais condições ao leitor para se impor perante o mundo em que vive. Nessa perspectiva, abordamos os traços singulares deste pesquisador evidentes nas suas crônicas, como a linguagem coloquial, a subjetividade⁵ e o constante diálogo com o leitor por meio das quais busca instigá-lo à interpretação dos fatos cotidianos.

Neste artigo analisamos a crônica nos espaços dos jornais como gênero jornalístico. Acerca disso, explanamos suas características nesses meios, e, por meio do hibridismo entre a literatura e o jornalismo, a contribuição desses no processo narrativo da crônica. Posterior a esse subsídio teórico, passamos a discorrer acerca dos processos metodológicos com base na análise de conteúdo da “semana construída”. Logo, seguimos na análise e, por fim, as considerações finais dessa reflexão.

O hibridismo da literatura e o jornalismo nos espaços jornalísticos

O jornalismo e a literatura se conectam no momento que o primeiro tem como base a informação, mas se utiliza da linguagem literária para demonstrar outras formas de percepção sobre os fatos sociais. No século XIX, por meio da construção da narrativa pelo hibridismo que permeia pelo jornalismo e pela literatura, a presença dos escritores no jornalismo informativo no Brasil começou a se tornar atraente, e conseqüentemente, a literatura sofreu a influência do jornalismo na maneira com que os cronistas se aproximaram das questões sociais para produzir suas narrativas.

Em tal perspectiva, os textos informativos e textos opinativos se configuraram para construir novas formas do fazer jornalístico nos espaços dos jornais. Dentre os cronistas modernos do século XXI, podemos citar alguns, como Martha Medeiros, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony além das narrativas de Juremir Machado, os quais constroem por meio desses dois campos de conhecimento, novos modelos de discursos para retratar a realidade e a condições sociais.

⁵ Entendemos a subjetividade em detrimento da objetividade, ou seja, a forma de utilização da linguagem, justamente como forma do narrador se posicionar acerca dos acontecimentos na qual se refere.

Entretanto, Pereira (2004) ressalta que as produções, nos diferentes espaços do jornal, precisam seguir distintos critérios para construir as narrativas, pois algumas devem ser mais objetivas e diretas do que outras. Dessa forma, o cronista não depende da linguagem que o jornalismo impresso utiliza para reconstruir os fatos. Ele usa os vários recursos da linguagem para reproduzir suas narrativas, acrescentando outros modos como a subjetividade e o ponto de vista no fazer jornalístico para recontar os acontecimentos. Seguindo essa ideia, Pereira (2004, p. 141) declara que “a crônica dá um novo tempo narrativo no interior dos jornais, acrescenta relações semânticas que enriquecem a linguagem referencial do jornalismo informativo”.

Conforme analisa o autor, a crônica pode ser definida como uma categoria que propõe recriar novos significados às duras⁶ técnicas de produção que o jornalismo utiliza, e, assim, fazer com que o leitor busque encontrar sentidos para os fatos narrados. Isso acontece pela liberdade que a crônica possui de apresentar uma multiplicidade de discursos e amplos significados para recriar os acontecimentos na narrativa. Pereira (2004, p. 143), portanto ressalta “(...) o cronista moderno, antes de tudo, é um problematizador do espaço jornalístico”. Ou seja, o cronista moderno encontra novos métodos de produção para transformar o espaço de produção jornalística em algo que dê mais sentido, reflexão aos fatos narrados.

Nessa vertente, podemos afirmar que tanto a literatura quanto o jornalismo contribuem para reproduzir a realidade da vida cotidiana na tentativa de compreendermos melhor o mundo em que vivemos. O jornalismo como forma de recontar os fatos de maneira objetiva, mas incrementado pelos artifícios de linguagem da literatura concede uma nova configuração à construção dos textos. Acerca dessa ideia, Melo (2003) salienta que a crônica possui um espaço privilegiado do relato do poético, tornando-se um recurso de intervenção social incessante dos jornalistas que se ocupam do território do real e se expressam por meio da poesia. Sendo assim, o jornalista tem a possibilidade de encontrar nos nuances estéticos da literatura ou da poesia, novas dimensões para produzir a narrativa, e, assim, gerar sentidos para que a sociedade possa interpretar e compreender os acontecimentos.

Assim, Beltrão (1980 *apud* Melo, 2003, p. 157) propõe classificações quanto às tipologias de crônica e quanto ao tratamento que lhe dá o cronista. A partir disso, separa em: crônica geral que trata de assuntos variados; a crônica local que traz a opinião pública de uma determinada comunidade; a crônica especializada que aborda temáticas referentes a um determinado campo específico; a crônica sentimental que tem como intenção influenciar a ação desenvolvida na

⁶ Na teoria de construção dos textos jornalísticos empregada pelas instituições, o jornalista precisa seguir regras marcadas pela objetividade, exatidão, veracidade, e imparcialidade. Como diz Melo (2003), o jornalista se move circulando entre o dever de informar, registrando honestamente o que observa, e o poder de opinar que pode ser ou não aceita pela instituição em que atua.

narrativa; e a crônica satírico-humorística que tem como objetivo criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens assumindo feição caricatural.

Para sustentar essa ideia, Baldam e Segatto (1999, p. 40) discorrem que “o texto sempre expressa, traduz, sugere ou induz alguma forma de percepção, compreensão, entendimento, representação ou fabulação.” Ou seja, a relação entre os acontecimentos e os sujeitos inseridos numa realidade produz sentidos que permitem conhecer, informar, dando a possibilidade de ampliar as condições dos sujeitos se constituírem perante ao mundo em que vivem. “A relação entre jornalismo e literatura pode ser considerada sob vários ângulos, desde simples paralelismos entre a arte de contar histórias, até o exercício de eleição de personagens, um artifício amplamente utilizado pelo jornalismo contemporâneo, comum nos formatos impressos, rádio e televisão” (DALMONDE, 2010, p. 215) A crônica é um exemplo disso.

No espaço jornalístico, ela possui uma independência estética, pois tem a liberdade de explorar várias linguagens para reproduzir os fatos noticiosos sem se restringir a um só gênero, mas utiliza tanto o recurso jornalístico que aborda acontecimentos factuais, quanto o recurso literário que permite construir e reconstruir os fatos cotidianos de maneira criativa. Assim, a partir das características das crônicas explanadas e com base na concepção do jornalismo, nos utilizamos das perspectivas da hipótese da *agenda setting* e do *newsmaking* para desenvolver a proposta deste trabalho. A seguir, veremos a metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa.

Procedimentos metodológicos aplicados para a análise empírica

Para a realização deste trabalho, são adotados procedimentos de análise da forma e do conteúdo das narrativas de Juremir Machado, no jornal Correio do Povo, entre os meses de setembro e março de 2015, sendo que iniciamos pela primeira segunda-feira do mês de setembro de 2014, e finalizamos com o primeiro domingo do mês de março de 2015, totalizando assim, o *corpus* de sete crônicas analisadas. Para isso, são adotados referenciais teóricos de textos que abordam a forma de análise do conteúdo com a metodologia da “semana construída”.

Nessa perspectiva, a análise de conteúdo ajuda a entender sobre a construção da narrativa da crônica. Dessa forma, Herscovitz (2007, p. 125) caracteriza a análise de conteúdo como “um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande número de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos podem ser reduzidas a regras explícitas com o objetivo de fazer inferências lógicas sobre as mensagens”. Nessa vertente, analisamos como Juremir Machado desenvolve sua narrativa por meio do hibridismo entre os elementos jornalísticos com a intenção de contextualizar um acontecimento e estabelecer outros modos de interpretação explorados

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 16/, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

pelos recursos estéticos da literatura. Nesse sentido, ao explorar esses elementos dentro da narrativa, o consideramos como um cronista.

Além disso, para realizar as análises, utilizamos o método da “semana construída” que, de acordo com McCombs (2004 *apud* JORGE, 2007), “permite obter uma amostra aleatória da informação contida nos meios de comunicação, evitando distorções como as que poderiam acontecer em uma coleta seguida”. Nesse contexto, utilizamos esse método para perceber como decorre essa “construção” no uso dos elementos jornalísticos e literários presentes na elaboração dos textos nos diferentes períodos analisados. Entretanto, pela extensão da pesquisa, não teríamos como analisar todos os meses, então, optamos por dar conta do objetivo geral deste estudo que é evidenciar que o texto do autor pode ser considerado como crônica e não coluna.

Para desenvolver as análises, iniciamos com o referencial teórico sobre o conceito “crônica”, sua evolução no contexto histórico e a ligação do hibridismo entre o jornalismo e a literatura para dar subsídios ao relacionar aos textos de Juremir Machado. Dentre essas características, em cada análise investigamos a presença desses elementos e, para fundamentar cada um deles, utilizamos autores que dão veracidade às informações encontradas.

Por fim, é possível perceber que a análise do conteúdo e o processo observado da “semana construída” nas narrativas propostas permite criar múltiplas interpretações no momento em que as mensagens que o narrador emite ao transparecer uma ideia estabelecem relações com o receptor considerando que o objetivo é investigar como o narrador estrutura a linguagem, a quem ele se dirige, com quais intenções possibilitando a demonstração de dados significativos numa abordagem qualitativa da narrativa no período analisado. A seguir, explicitamos o resultado dessa pesquisa.

Momento de exploração científica e análise dos resultados

Análise 1

No texto “Paraguai esfarrapado”, publicado no jornal *Correio do Povo* em 01 de setembro de 2014 (Anexo 1), há pontuações acerca do maior conflito armado da América Latina, a Guerra do Paraguai, que, em dezembro de 2014, completou 150 anos.

Dentre as características da crônica encontradas estão: a interpretação dos fatos sociais, a contextualização do cotidiano, a problematização dos fatos jornalísticos, além de pautar assuntos com maior subjetividade. Nesse contexto, podemos referenciar a Pereira (2004) quando pontua que a crônica utiliza vários recursos de linguagem para reproduzir suas narrativas. Dentro dessa prerrogativa, no fragmento “Em dezembro, a Guerra do Paraguai completará 150 anos. O Brasil, com ajuda do Uruguai e da Argentina, liquidou a contraditória experiência paraguaia de Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

autonomia na América do Sul”, o narrador traz ao leitor uma representação do fato histórico, contextualizando essa guerra com elementos informativos.

A partir dessa premissa, referenciamos a ideia de McCombs (2009 *apud* MAINETT, 2012, p. 03) quando retrata que estabelecer a ligação com o público, pondo um assunto ou tópico na agenda pública se torna o foco da atenção do pensamento dos indivíduos, o que permite a formação da opinião pública. Nessa perspectiva, no trecho “Em dezembro, a Guerra do Paraguai completará 150 anos”, observamos que o narrador está adiando um acontecimento considerado histórico por apresentar relevância social no sentido de que a guerra afetou grande parte da América do Sul e por esse pode ser um possível foco de atenção do leitor.

Além desse agendamento midiático, em que o cronista passa a pautar assuntos sociais, podemos citar outra característica da crônica, o diálogo com o leitor. Essa premissa pode ser comprovada quando o narrador explica aos leitores: “Tudo isso qualquer brasileiro estudou na escola. A memória é fraca”. Dessa forma, entendemos que é uma abordagem do assunto para relacionar ao contexto histórico do país e fazer com que a sociedade relembra essa guerra.

Nessa vertente, podemos citar Pereira (2004) quando ressalta que o cronista utiliza as várias linguagens para explicar as representações do mundo ao leitor. Assim sendo, essa interação permite ao narrador expressar uma determinada ideia que leva a interpretações da sociedade sobre a temática da guerra. É importante nesse contexto referenciar, que o hibridismo da literatura com o jornalismo pode ser pontuado, pois se o fato desta Guerra fosse contado aos leitores no formato de notícia⁷, a subjetividade e, sobretudo, a opinião não apareceria.

Dessa forma, podemos pontuar que o jornalismo opinativo está presente na maneira como o narrador se posiciona em relação aos fatos narrados. Nixon (1963 *apud* MELO, 2003, p. 29) argumenta que o jornalismo opinativo reage diante das notícias, difundindo opiniões próprias, as que lê, ouve ou vê e se torna formador de opinião. Assim, encontramos no trecho da crônica: “As causas da guerra têm a ver com o imperialismo brasileiro mesmo” podemos pontuar a subjetividade do narrador que, além de contar a história, se insere como sujeito opinativo que traz seu ponto de vista sobre a guerra.

Dando seguimento a essa ideia, a narrativa discursiva da crônica tem a intenção de instigar percepções acerca do tema tratado. Assim, apontamos ainda, as figuras de linguagem como a ironia⁸ e o sarcasmo⁹ quando o narrador finaliza a ideia proposta com o fragmento “O

⁷ Esse gênero textual tem como função primeira de informar. Assim, a notícia relata fatos de interesse social com o uso de uma linguagem clara, objetiva e direta sem a possibilidade de ampliar as interpretações por parte dos leitores.

⁸ Figura de linguagem que consiste em dizer o contrário do que se pensa com a intenção de criticar, de questionar um pensamento, indivíduo ou assunto.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

Paraguai perdeu sua população e 40% do seu território abocanhado por Brasil e Argentina. Um show. ” Em tal contexto, designamos uma provocação em forma de sarcasmo que está ligado a ironia com o intuito de oposição do que se pretendia dizer. Por essa vertente, Koch (2008) traz a ideia de que o termo “um show” pode ser referido a um subentendido, ou seja, é dito como uma forma de crítica pela situação precária que o Paraguai se encontra após o término da guerra na qual morreram milhares de pessoas em contraponto ao Brasil que foram poucas e que ainda se apropriou de parte do território paraguaio.

Por fim, percebemos ao longo da narrativa que o jornalista-narrador contextualiza um fato histórico na perspectiva que tem como função o jornalismo de informar, que com a contribuição da linguagem literária contrapõe opiniões, traz pontos de vista distintos e transparece a própria subjetividade acerca do assunto explicitado.

Análise 2

No texto “Viagem à Lua”, publicado no dia 07 de outubro de 2014 (Anexo 2) apresenta a história de uma possível viagem à lua em que o narrador-personagem se insere para realizar um diálogo entre lunáticos - sendo que o narrador apresenta elementos ficcionais para representar esse mundo - e terráqueos¹⁰ como forma de questionar sobre o sistema político no contexto atual do Brasil.

De acordo com essa explanação, podemos encontrar no texto elementos como o ponto de vista do narrador, a construção do hibridismo por meio da contextualização de eventos cotidianos, a preocupação com as causas sociais, o uso da conotação da metáfora além de instigar a reflexão dos leitores acerca do contexto social explicitado.

Para mostrar os elementos discursivos que o jornalista-narrador liga no texto, podemos salientar quando Pereira (2004) diz que a crônica recria os relatos do dia a dia em nível de conotação para enunciar as particularidades dos fatos sociais. Dessa forma, no fragmento, “Nessa minha viagem à Lua, onde fiquei três dias, fui muito questionado sobre como as coisas funcionam aqui na Terra. ” Percebemos que o poetisa¹¹ questiona uma realidade no momento em que insere um mundo ficcional no texto - o da lua - para representar outras formas de percepção da sociedade acerca dos problemas políticos, econômicos e sociais que o país enfrenta no presente, no que chamamos de factual no contexto midiático. Além disso, um elemento

⁹ É um tipo de ironia com uma intenção mais provocatória quando no seu contexto há uma reação ofensiva a quem se dirige.

¹⁰ Terráqueos e os lunáticos são expressões que o narrador utiliza para denotar dois “povos” que possivelmente residem na lua e o outro na terra, de forma metafórica.

¹¹ Esse termo se refere ao modo com que o autor compõe os elementos do texto que se caracteriza por meio da utilização dos recursos estéticos da literatura e o retrato dos sentimentos subjetivos.

conotativo que podemos relacionar a esse fragmento é a presença da figura de linguagem, a metáfora¹², pois o narrador, de fato, não foi pra lua, mas traz essa ideia para contrapor dois possíveis “mundos”, o da lua e o da terra.

Nesse contexto, o narrador revela que existem diferentes modos de comportamento dos indivíduos diante das problemáticas do país. Assim, ele representa os perfis humanos dos lunáticos em comparação com os terráqueos para apontar essas distinções. Para caracterizar os perfis, o narrador apresenta o lunático como quem se impõe de maneira mais ativa acerca dos problemas sociais e representa mudanças nesses meios e os terráqueos como indivíduos que precisam das qualidades dos lunáticos para que a sociedade consiga progredir no processo de transformação do cenário das práticas políticas e todos os desafios que giram em torno desse contexto para constituir essas mudanças.

A partir disso, observamos que o jornalista-narrador demonstra suas impressões em torno desse assunto no momento em que cria uma ambientação de elementos figurados para induzir a sociedade à prática de ações em protesto aos escândalos políticos do país. Dessa forma, Pereira (2004) ressalta que no jornalismo opinativo se desenvolve todo um conjunto de mensagens, através de modalidades narrativas, nas quais prevalece a voz do narrador. Para explicitar a presença do pensamento do estudioso nesta crônica, encontramos no fragmento: “Curiosamente os lunáticos são muito pés no chão. No chão, obviamente, da Lua.”

A forma com que o narrador defende a ideia e caracteriza os lunáticos como indivíduos que lutam diante as problemáticas do país. É dessa forma que o narrador caracteriza esses perfis, representados pelos lunáticos, como figuras significativas para as mudanças sociais, e, assim, incita a sociedade avaliar suas próprias condições de cidadãos e agir perante as problemáticas do mundo em que vivem, de forma metafórica.

Além disso, o engajamento em abordar e questionar os problemas sociais estão muito presentes nos textos do narrador. Pereira (2004) instiga a ideia de que o jornalista é um problematizador no espaço jornalístico, e assim podemos referir no fragmento: “Na Lua, depois da redemocratização, o regime é presidencialista de coalizão, uma fonte de corrupção”. A maneira com que o narrador busca assegurar seu posicionamento sobre os escândalos de corrupção dentro da política do país. No ano de 2015, entre 30 de maio e 13 de junho, encontramos em torno de 100 matérias no jornal *Correio do Povo*¹³ relacionadas à política do país. Essa prerrogativa, que está atrelada à crônica pelo motivo que esse é um dos assuntos mais

¹² É uma figura de substituição; um termo que substitui outro por analogia (VANOYE, 2007).

¹³ Sua linha editorial aborda uma ampla variedade de assuntos. A partir disso, observamos que os textos do narrador contribuem para que a sociedade possa refletir e agir em prol das problemáticas sociais principalmente quando se refere à política que é uma das temáticas mais visíveis e criticadas pelo jornalista-narrador.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

abordados pelo narrador, decorre da importância em reconstruir fatos atuais que são pautados diariamente no jornalismo e que constantemente estão presentes no contexto histórico da sociedade.

Assim, para construir o discurso, o narrador busca se dirigir ao público por meio de um tom de linguagem mais coloquial. Assim, encontramos no fragmento: “Nessa minha viagem à Lua, onde fiquei três dias, fui muito questionado sobre como as coisas funcionam aqui na Terra. Tinham ouvido dizer que era tudo muito diferente por estas nossas bandas”. a forma com que o narrador referencia esses questionamentos a situação que a sociedade vive e evidencia nos termos “nossas bandas” o diálogo com o leitor quando o narrador se insere no discurso e traz nessas marcas linguísticas o subjetivismo para facilitar essa interação e sinalizar os aspectos cotidianos da realidade social.

Ao fim, percebemos que o narrador se preocupa em trabalhar temáticas da realidade social, pautadas diariamente pelo jornalismo, mas reconstrói os fatos a partir de elementos linguísticos que permite estabelecer relações com os leitores.

Análise 3

No texto “No Correio do Povo”, publicado em 05 de novembro de 2014 (Anexo 3), o narrador relata sobre o dia em que ele e mais dois colegas vão autografar seus livros no Correio do Povo. Além disso, também explicita as características do livro de sua autoria “Getúlio” e que no decorrer do texto contextualiza a obra e principalmente o personagem principal, o antigo presidente Getúlio Vargas, que governou o Brasil nas décadas de 30 a 50.

A partir da descrição, dentre os elementos característicos da crônica que encontramos no texto, estão: a subjetividade do narrador, a contextualização de um fato histórico, o hibridismo entre o gênero literário e jornalístico, a representação minuciosa de perfis da sociedade, a utilização de recursos figurados para dialogar com o leitor, além da interpretação de acontecimentos sociais.

Pereira (2004, p.53) revela que “no jornalismo podemos entender a reconstrução do universo social através da produção de informações ou reconhecimentos de fatos considerados socialmente importantes”. Nesse sentido, podemos salientar que reconstruir fatos históricos são importantes para manter o registro de uma sociedade e servirão como comprovação aos aspectos que revelam a identidade e o modo de viver de um povo de uma determinada época. Dentro dessa temática, encontramos nessa crônica a abordagem de um fato histórico, aqui, como a representação do contexto político na época de Getúlio Vargas.

Nessa perspectiva, de acordo com as ideias de Pereira (2004, p.32) “a crônica não se limita em informar ou opinar, mas constrói novos significados na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações do seu mundo ao leitor”. Assim, diante do fragmento: “Dependendo do Getúlio que se escolhe, num leque que pode encher algumas páginas, a figura cresce, diminui, transfigura-se. Um merece nome de ruas, praças, escolas e cidades. Outro, nada disso” o narrador explora recursos interpretativos e de opinião da sociedade para além de informar, encadear novos significados na representação de Getúlio no conceito explicitado.

Nessa mesma vertente, Pereira (2004) afirma que a crônica utiliza vários recursos da linguagem para reproduzir as narrativas, acrescentando outros modos como a subjetividade e o ponto de vista no fazer jornalístico para recontar os acontecimentos. Assim, encontramos nesse excerto: “Ele foi, ao mesmo tempo, o mais puro produto da sua época, um tempo de apreço pelos executivos fortes, e um homem à frente da era em que viveu. Reduzi-lo a uma faceta trai a sua complexidade real”. A representação do personagem Getúlio de acordo com o ponto de vista do narrador pelo fato de que reconstruiu a história política de Getúlio em seu livro “Getúlio” e tem veracidade em trazer o subjetivismo para explicar essa memória.

Em suma, podemos referenciar esse texto como crônica justamente por apresentar características que se pautam o jornalismo de contextualizar fatos históricos que são importantes para representar o modo de vida de uma sociedade, em uma determinada época, e fornecer subsídios informativos para o leitor.

Análise 4

No texto do dia 04 de dezembro de 2014, intitulado “Medida radical” (Anexo 4) o narrador faz críticas ao governo brasileiro devido aos escândalos de corrupção na política do Mensalão que se caracterizou pela compra de votos de parlamentares que ocorreu em 2005 e 2006 no partido peemedebista do governo Lula e que ganhou proporção pela grande soma de dinheiro que de forma ilícita era adquirida pelos parlamentares para favorecer os próprios interesses. Além disso, no contexto atual, o narrador relaciona a mais um escândalo que envolve a corrupção e desvio de dinheiro público pela maior empresa estatal brasileira, a Petrobrás, sendo que além, do Partido Trabalhista (PT), outros partidos políticos como o PMDB e o Partido Progressista (PP) estão envolvidos.

De acordo com essa descrição, podemos pontuar elementos decorrentes da crônica como o uso de figurações de linguagem para chamar a atenção do leitor acerca do contexto explicitado, a subjetividade, e o hibridismo que contextualiza os acontecimentos sociais que pautam o fazer

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

jornalístico com os recursos linguísticos da literatura para trazer contrapontos e enriquecer a narrativa.

Nessa vertente, podemos considerar a crônica como satírico-humorística que segundo Beltrão (1980 *apud* Melo, 2003, p. 157) “o objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens; busca entreter, assumindo feição caricatural”. Assim, referenciamos nessa passagem: “Vai cortar na própria carne. Eu admiro os radicais e os que cortam na carne. Especialmente quando é uma picanha”. A forma com que o narrador utiliza os recursos literários de expressão como a ironia quando revela que o Brasil vá julgar os políticos corruptos do próprio governo, ainda mais se tratando dos mais influentes, os mais caros, ou seja, “a picanha”. Dessa forma, por meio das figuras de linguagem como a ironia o narrador cria uma ambientação de elementos implícitos para trazer mais expressividade e provocação ao discurso quando faz referência aos políticos corruptos como forma de criticá-los.

Nessa mesma perspectiva, outro elemento presente na narrativa é a subjetividade do narrador diante os acontecimentos. Pereira (2004, p. 25) ressalta que “a crônica consegue conjugar várias formas de expressão no mesmo espaço textual”. Com isso, encontramos nos excertos: “Não venham com maledicência, não é temor de que não sobrasse ninguém”, “O PT começou a grande virada. Agora, com certeza, vai”.

Como exemplos de expressão do ponto de vista do narrador sendo que antes de se posicionar contextualiza com elementos informativos para dar veracidade aos seus argumentos. Isso remete ao fato de que no jornalismo tradicional a informação está presente, mas o hibridismo com a literatura caracteriza a crônica no momento em que o narrador traz o diferencial, a subjetividade para expressar os fatos narrados.

Em síntese, encontramos elementos no decorrer do texto que se referenciam à crônica, justamente pela confluência com o jornalismo que tem como função contextualizar os acontecimentos narrados, mas com ligação aos elementos literários, o que contribui para interpretar os fatos sociais.

Análise 5

No texto “Discursos e práticas”, publicado no dia 02 de janeiro de 2015 (Anexo 5), o narrador se refere ao governo do petista Tarso Genro, que perdeu a reeleição para governador do Rio Grande do Sul em 2014, com a vitória do peemedebista José Ivo Sartori, e relaciona as promessas que ambos propuseram em seus governos.

Entre as características da crônica que encontramos no decorrer do texto, estão o ponto de vista do narrador, a utilização das figurações de linguagem características da literatura, a Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

interpretação dos fatos sociais com base em recursos argumentativos, o hibridismo entre os dois gêneros - jornalístico e literário e o diálogo com o leitor.

Para demonstrar o ponto de vista representativo da crônica, o narrador se coloca como sujeito capaz de observar e participar dessa realidade para expressar julgamento no discurso. Como diz Melo (2003), a crônica possui características como crítica social e corresponde entrar fundo no significado dos atos e sentimentos das pessoas. Assim, percebemos nos trechos: “Sou um cara anacrônico. Quero que em política discurso e prática coincidam”, “Os candidatos adorariam que esquecêssemos suas declarações de campanha” como o jornalista-narrador se posiciona frente ao discurso dos políticos que prometem, mas não cumprem e os mais diversos depoimentos que estes realizam durante suas campanhas.

Nesse sentido, Candido (1989, p. 25) ressalta que a linguagem da crônica tem a pretensão social de humanizar: “Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma (...)”. Em conformidade com tal ideia, percebemos que o narrador se preocupa em se ater as causas sociais na tentativa de melhor compreensão do mundo em que vivemos, ressaltando assim, uma das características da crônica que é confluência com o social.

Na interação do narrador com o público, outra característica do jornalista-narrador é desenvolver um foco narrativo ao passo que o objetivo é criar argumentos e provocações para ampliar o senso crítico dos leitores. Como Koch (2008, p. 25) diz, “o locutor apresenta seus atos de linguagem como um enigma a ser decifrado”. Dessa forma, percebemos no fragmento: “Políticos reclamam que a mídia desacredita a política. Tenho a impressão – com aprovações como aposentadorias especiais para deputados –, que a mídia não faz frente aos próprios políticos nesse quesito” que o narrador se expressa em contraponto aos políticos que julgam que a mídia só critica o sistema e argumenta que não há como não questionar os problemas que diariamente são relatados sobre o governo do país. Com tal ideia, o jornalista-narrador instiga o leitor a estabelecer relações de sentido e reflexões sobre o assunto explanado.

A partir disso, outro elemento característico da crônica, o hibridismo entre o jornalismo e a literatura, constrói-se pelo modelo de narrativa nos diversos âmbitos dos fatos cotidianos que são recriados, e, além da capacidade de contá-los, são reconstituídos por meio de recursos da linguagem literária. Como Melo (2003) diz “A crônica moderna configura-se como gênero eminentemente jornalístico”. No excerto “O maior erro do governador Tarso Genro foi ter prometido pagar o piso do magistério e não ter conseguido cumprir. De nada adiantou ter dado o maior aumento do magistério dos últimos ou de todos os tempos” observamos que, ao mesmo tempo em que a informação está presente, o narrador reconstrói o acontecimento quando traz

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

dados ao dizer que foi o maior aumento do magistério, e, além disso, se posiciona em relação ao fato relatado.

No fim, percebemos que a crônica permite o narrador explorar os recursos literários para estabelecer novas concepções e reflexões acerca dos acontecimentos retratados. Isso se deve as figurações de linguagem, a interação do narrador com o leitor, a partir do posicionamento do narrador que demonstra outras formas de percepção acerca do assunto tratado, e a contribuição do jornalismo como gênero que conduz o discurso para a informação dos fatos narrados quando os retrata de uma forma diferenciada, que podemos perceber nessa crônica no momento que o narrador traz resultados das eleições e faz contrapontos entre governos. Assim, o hibridismo permite a reconstrução desses fatos num espaço que concede uma nova configuração à narrativa.

Análise 6

No texto “Mostra a tua cara”, publicado dia 7 de fevereiro de 2014 (Anexo 6), o narrador explica sobre o evento cultural “Teatro Net” que são apresentações culturais que acontecem no Teatro Tereza Rachel no Rio de Janeiro e que no musical “Cazuza” conta a história de vida desse cantor, compositor e poeta brasileiro. Além disso, o narrador relaciona os problemas políticos que o país vivencia atualmente ao que Cazuza retratava em suas músicas quando questionava o sistema político brasileiro e as dificuldades sociais de uma época.

Por meio da descrição da crônica, encontramos elementos no decorrer do texto como a contextualização de eventos sociais, a representação de um personagem que marcou a história cultural do país, um jogo de argumentação para a interpretação dos fatos, a intertextualidade, o ponto de vista refletido pelo escritor, a utilização de figuras de linguagem para estruturar o discurso além da interação com o leitor.

Nesse contexto, Melo (2003) revela que a crônica é um dos gêneros que assume feição eminentemente opinativa, explicitando juízos de valor, buscando influenciar o público a que se dirigem. Podemos então referenciar o fragmento “Está faltando ideologia, criatividade e um Cazuza na parada”. Para demonstrar a opinião do jornalista-narrador que de forma representativa se posiciona para caracterizar o personagem, relacionando-o ao contexto do país para ligar a ideia de que Cazuza foi um grande compositor e crítico diante as problemáticas sociais sendo que o narrador induz que o país precisa de mais “Cazuzas” assim, no sentido de que esse personagem foi referência na história cultural do Brasil.

Nessa perspectiva, encontramos elementos argumentativos na crônica que, conforme analisa Koch (2008), o ato de argumentar é visto como o ato de persuadir, envolvendo a subjetividade e sentimentos. A partir disso, o narrador utiliza recursos satírico-humanísticos que

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

podemos perceber no trecho “A cara do Brasil está suja. A Lava-Jato quase não dá conta de lavar tudo”, como o jornalista-narrador critica metaforicamente com certo humor o escândalo político quando se refere ao grande esquema de lavagem de dinheiro e desvio envolvendo a Petrobrás, grandes empreiteiras do país e políticos. Nesse excerto, o narrador relaciona esse trecho a outro quando diz que “O número de belas canções de Cazuza é impressionante. A música dele tinha pegada e atitude. Está faltando (...) um Cazuza na parada”. o sentido de que faltam indivíduos ou a própria sociedade em conjunto criar ideologias para “limpar” os problemas do Brasil.

De acordo com essa premissa, podemos analisar o processo de comunicação que o narrador constrói com o leitor, que, como ressalta Pereira (2004, p.138), “o exercício da crônica é uma constante reelaboração dos temas que trazem ao leitor uma carga de significados fora da ‘temporalidade’ dos jornais”, o que percebemos no fragmento “A cara do Brasil é um grande negócio. Só nós não somos sócios. Povo serve para alimentar e pagar o pato”, quando o narrador responde a um trecho da música original de Cazuza “Brasil, qual é o teu negócio? / O nome do teu sócio/ Confia em mim”, quando referência a sociedade como os mais prejudicados pela consequência da corrupção no país, pois todos os cortes em vários setores da economia afetam diretamente a população.

Nessa perspectiva, o título da crônica “Mostra a tua cara” reflete a composição da música “Brasil” de Cazuza que o narrador constrói para questionar a situação política que como Cazuza, a sociedade vive atualmente. Aqui, podemos relacionar a intertextualidade, que segundo Compagnon (1996, p. 85), “apela para a competência do leitor, já que, numa citação, se fazem presente dois textos cuja relação não é de equivalência, nem de redundância”. Por esse excerto, o leitor precisa estar atento e reconhecer essa interpretação para entender o contexto inserido quando o narrador constrói o título em alusão a música de Cazuza.

Percebemos, então, que o jornalista-narrador constrói uma relação entre a cultura do cantor Cazuza e as suas proposições sociais observadas nas letras de suas músicas. Nas suas composições, Cazuza busca constantemente uma ideologia para viver, na qual podemos fazer alusão à música “Ideologia”. Assim, em seu discurso criou uma ideologia crítica que funde em ideais políticos, valores morais e a luta por uma sociedade menos desigual que assim o consagrou como um dos maiores compositores do país.

Análise 7

No texto intitulado “Governo Atolado”, publicado no dia 01 de março de 2015 (Anexo 7), o narrador conta os momentos difíceis que o Brasil está vivendo no governo de Dilma Rousseff. Entre eles, os protestos dos caminhoneiros sendo que uma das reclamações é o

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 16/, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

aumento do diesel no país num momento que há queda dos preços do petróleo. Outra polêmica envolve a economia do país, à qual o escritor faz duras críticas ao escândalo de corrupção envolvendo pessoas que trabalham na maior empresa produtora de petróleo do mundo, a Petrobrás. Além disso, houve corte de gastos em vários setores da economia no país, principalmente na educação.

De acordo com a descrição do texto, podemos pontuar a presença de elementos característicos da crônica, como a contextualização de um acontecimento de relevância social, o uso da linguagem coloquial, a utilização dos recursos literários para melhor interpretação dos fatos sociais e a subjetividade representativa do narrador.

Em tal perspectiva, podemos referenciar Melo (2003) quando relata que uma das características da crônica é a fidelidade ao cotidiano por manter relação ao que está acontecendo aqui e agora. Nesse contexto, percebemos nos trechos “O diesel está muito caro numa época de queda dos preços do petróleo e da roubalheira da Petrobrás” e “O Ministério da Educação (MEC) cortou 64,6% das 11 mil bolsas previstas para a edição desse ano do programa Jovens Talentos para Ciência. ” à maneira de contextualização dos fatos presentes e a presença da intertextualidade ao trazer dados sobre contexto explicitado que se pauta o jornalismo como função de informar e esclarecer ao leitor.

Além disso, o narrador busca novos significados, por meio das metáforas, para retratar os fatos. Por esse viés, Melo (2003, p.156) revela que “os cronistas realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano”. Sob essa perspectiva, nos fragmentos “Só pode ser o efeito dos 7 a 1 que levamos da Alemanha”. E “Que tempos fantásticos! ” encontramos a linguagem metafórica no momento em que o narrador faz uma comparação subentendida quando resgata o placar da Copa do Mundo de 2014 quando Brasil perdeu de 7 a 1 para Alemanha relacionando-os aos gastos excessivos que o governo brasileiro realizou para a preparação da Copa do Mundo no Brasil além dos esquemas de corrupção nesse período. Essas prerrogativas podem ser contextualizadas, quando, no contexto atual, faz referência aos cortes de gastos na educação, a aprovação de passagens aéreas a cônjuges de deputados, ao desvio de verbas públicas pelos parlamentares entre outros escândalos no sistema político e econômico do Brasil.

Dentro desse contexto, Koch (2008) traz a ideia de que o subentendido dá às suas palavras um dado sentido em que orienta a interpretação para uma certa leitura. Dessa forma, percebemos que o narrador constrói um título bastante sugestivo, “Governo Atolado”, para caracterizar e provocar a sociedade a refletir acerca do momento complicado em que o país se encontra.

Com a caracterização da subjetividade presente no discurso da crônica, Koch (2008) estabelece a ideia de que toda a atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções ao comunicar-se. Assim, percebemos no fragmento “Para tentar sair do buraco negro, o governo quer atolar os menos aquinhoados ceifando direitos trabalhistas com o apoio aos velhos cães de guarda da mídia lacerdista.” - que se refere no sentido de apoio do jornalista Carlos Lacerda que no passado fez campanha contra o governo do Partido dos Trabalhadores, representado hoje pela presidente Dilma Rousseff, e também na época do presidente Getúlio Vargas, JK, e Jango quando esses estavam no comando do país. Esses dados não ficam evidentes na crônica - que o narrador critica as formas com que o governo conduz os problemas do país em que o mais prejudicado se torna a sociedade.

Para estruturar o discurso, Sá (1999, p. 11) traz a ideia de que “o coloquialismo deixa de ser a transição exata de uma frase ouvida na rua, para a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor”. Nessa relação, encontramos no fragmento “Para convencer a plebe a engolir o pepino, insinua que vai taxar grandes fortunas e acabar com o fator previdenciário”. Na expressão “engolir o pepino”, observamos que o narrador se refere ao termo em um tom coloquial para criticar como a sociedade tem que aceitar as situações problemáticas que o governo se insere. Com isso, esse diálogo com o leitor por meio de uma linguagem mais próxima do cotidiano permite a aproximação do narrador-leitor e ao tema proposto na realidade.

Ao fim, as características das crônicas presentes no decorrer da narrativa estabelecem relação com o hibridismo entre o jornalismo e a literatura a ponto de retratar um acontecimento factual presenciado pela sociedade, mas, além disso, propor novas formas de linguagem como a literária para desenvolver um diálogo mais próximo do leitor e por meio da subjetividade do jornalista-narrador construir outras percepções mais reflexivas acerca do tema proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos deste artigo, analisamos como o jornalista e pesquisador Juremir Machado reconstrói a realidade social por meio do hibridismo entre o jornalismo e a literatura e percebemos que o escritor se pauta do jornalismo, que se ocupa em informar aos leitores os acontecimentos abordados, mas se apropria dos recursos da literatura para instigar outras formas de interpretação dos fatos sociais.

De acordo com as análises realizadas, percebemos que Juremir Machado retrata em suas crônicas os acontecimentos cotidianos da sociedade e entre os assuntos abordados estão a explanação de acontecimentos históricos e a crítica ao sistema político do país. No decorrer das sete crônicas analisadas, percebemos que as temáticas se repetem em torno de temáticas de relevância social, que, como revela a Teoria do Agendamento, é a forma de selecionar na agenda pública, os assuntos mais importantes. Entre os fatos explicitados, o narrador critica as problemáticas sociais com a intenção de instigar o senso reflexivo dos leitores. Além disso, o escritor utiliza a linguagem coloquial, os elementos estéticos da literatura, as figurações de ironia, metáforas e a subjetividade para desenvolver argumentos diante da realidade social.

Dessa forma, a partir dos textos do jornalista narrador percebemos o quão ele representa a realidade em que vivemos quando revela as problemáticas do país como a corrupção, a queda da economia, os cortes de gastos em vários setores, a falta de compromisso dos políticos com o povo entre outras variadas temáticas sendo que no decorrer das análises observamos que o narrador critica de maneira contínua essas consequências sociais. Além disso, mostra que o Brasil precisa de grandes mudanças no governo para resolver ou amenizar os problemas políticos, econômicos e sociais na qual o país se encontra.

Com essas investigações, observamos a importância desse estudo no momento em que a crônica transforma a realidade social quando se apropria das diversas linguagens - tanto jornalísticas quanto literárias - para construir a narrativa e a produção jornalística quando traz novos significados por meio desse hibridismo entre o jornalismo e a literatura para atrair os leitores e, de certo modo, se afastar dos métodos do jornalismo diário. Assim, a crônica estabelece relações ao relatar os acontecimentos cotidianos, mas, vai além ao momento em que traz elementos ao texto que permite reflexões sobre fatos que o jornalismo tradicional não mostra e que o senso comum não vê.

Outros estudos que possam contribuir dentro do contexto do gênero crônica são os textos do jornalista e escritor brasileiro, Carlos Heitor Cony, colunista da Folha de São Paulo, que se pauta das características do hibridismo entre o jornalismo e a literatura para construir suas narrativas. Tal como Juremir Machado, Carlos Heitor Cony aponta em seus textos assuntos de relevância e crítica social e nesse meio utiliza elementos como a linguagem coloquial, o subjetivismo e a interação com o leitor característicos da crônica o que os justifica como objetos de pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENDER, F.; LAURITO, I. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

JORGE, T.M. Como trabalhar com a notícia em rede. Sugestões de metodologia da pesquisa em jornalismo digital. **In: Congresso da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo**, 5., 2007, Aracaju. Disponível em :
<http://www.academia.edu/6503334/Como_trabalhar_com_a_not%C3%ADcia_em_rede._Sugest%C3%B5es_de_metodologia_da_pesquisa_em_jornalismo_digital> . Acesso em: 10 jun. 2015.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. Prefácio 5 da série. *Para Gostar de ler*— crônicas. São Paulo: Ática, 1989.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DALMONTE, Edson Fernando. Narrativa Jornalística e Narrativas Sociais: questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. In: HOHLFELDT, Antonio et al. (orgs.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010, p. 215-232.

KOCH, I.G.V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008.

LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis:Vozes, 2007.

MAINENTI, G. M. P. A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública. **In: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social**, 2012, Rio de Janeiro: PUC. Disponível em: <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2012/12/2-Geraldo-M%C3%A1rcio-Peres-Mainenti.pdf> Acesso em 10 jun. 2015.

MELO, J. M. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, Ed. 22, 1999. Disponível em: http://cliente.arco.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html . Acesso em: 10 jun. 2015.

OLIVEIRA, A. S. A literatura na fronteira de outros discursos. **In: Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura**. 2012, Itabaiana, SE. Disponível em:
<http://200.17.141.110/pos/letras/enill/anais_eletronicos/2012/III_ENILL_Adriana_Sacramento.pdf> Acesso em: 06 jun. 2015.

PEREIRA, W. **Crônica: A arte do útil e do fútil**. Salvador: Calandra, 2004.

RIGO, L. B. **Literatura, vida social e memória em crônicas de Caio Fernando Abreu**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões, Frederico Westphalen, 2013.

SÁ, J. **A crônica**. 6 ed. São Paulo: ÁTICA, 1999. 27

SEGATTO, J.A; BALMAN, U. **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo, 1999.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 149 - 167, jan./jun. 2019. Recebido em: 19 mar. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica da Reportagem**. Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

VANOYE, F. **Usos da linguagem**. Problemas e Técnicas na produção oral e escrita. 13 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

LAGO, S. **O ofício do ensaísta**. *Logos. Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro,